https://doi.org/10.20396/tematicas.v34i00.21084

RADICALIZAÇÃO DA EXTREMA-DIREITA NA ERA DOS DADOS, DOS ALGORITMOS E DAS PLATAFORMAS DIGITAIS[1]

Jonas Ferreira de Castro Neto[2]
Guilherme Defina[3]

RESUMO: Este artigo analisa a reconfiguração e a radicalização das direitas contemporâneas na era digital, a partir de um enfoque teórico e de um levantamento crítico da literatura recente sobre extrema-direita, plataformas digitais e política. Parte-se do argumento de que a convergência entre globalização neoliberal, ultra-aceleração tecnológica e digitalização/plataformização da vida social cria condições estruturais que favorecem processos de radicalização, mobilização afetiva e normalização do autoritarismo no espaço público. O argumento é construído em diálogo crítico com a literatura sobre economia da atenção, algoritmos, cultura digital e extrema-direita, articulando esses debates a uma interpretação das transformações recentes das formas de ação política mediadas por plataformas. Nesse contexto, a extrema-direita passa a operar menos por meio de estruturas partidárias clássicas e mais por redes flexíveis, lideranças difusas e circulação transnacional de repertórios discursivos e simbólicos. Conclui-se que, como efeito desses processos de radicalização e da difusão de extremismos políticos em ambientes online, o "fascismo digital" deve

[1] Este artigo é derivado da dissertação de mestrado do primeiro autor (Castro Neto, 2026), a partir da qual foram desenvolvidas complementações teóricas, ajustes de análise e adequações metodológicas compatíveis com o formato e os objetivos desta publicação.

[2] Doutorando e mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. E-mail: j246657@dac.unicamp.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0712-1318.

[3] Mestrando em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – Processo nº 2025/05525-1. E-mail: guilhermeferreiradefina@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0513-414X.

ser compreendido em conexão com um ecossistema político-comunicacional que articula atuação nas plataformas digitais, regimes de visibilidade e engajamento e a dinamização dos modos de agitação e propaganda nas redes. As implicações desse diagnóstico indicam os limites de respostas centradas apenas na moderação de conteúdos, que frequentemente produzem efeitos contraproducentes ao aprofundar processos de radicalização.

PALAVRAS-CHAVE: Radicalização política. Extrema-direita. Fascismo digital. Plataformas digitais. Algoritmos.

RADICALIZATION OF THE FAR RIGHT IN THE ERA OF DATA, ALGORITHMS, AND DIGITAL PLATFORMS

ABSTRACT: This article analyzes the reconfiguration and radicalization of contemporary right-wing politics in the digital era, drawing on a theoretical approach and a critical review of recent literature on the far right, digital platforms, and politics. It starts from the argument that the convergence of neoliberal globalization, ultra-accelerated technological change, and the digitization/platformization of social life creates structural conditions that favor processes of radicalization, affective mobilization, and the normalization of authoritarianism in the public sphere. The argument is developed in critical dialogue with the literature on the attention economy, algorithms, digital culture, and the far right, linking these debates to an interpretation of recent transformations in forms of political action mediated by platforms. In this context, the far right operates less through classical party structures and more through flexible networks, diffuse leaderships, and the transnational circulation of discursive and symbolic repertoires. It concludes that, as an effect of these processes of radicalization and the diffusion of political extremism in online environments, "digital fascism" should be understood in connection with a political-communicational ecosystem that articulates action on digital platforms, regimes of visibility and engagement, and the intensification of modes of agitation and propaganda across networks. The implications of this diagnosis point to the limits of responses centered solely on content moderation, which often produce counterproductive effects by deepening processes of radicalization.

KEYWORDS: Political radicalization. Far right. Digital fascism. Digital platforms Algorithms.

RADICALIZACIÓN DE LA EXTREMA DERECHA EN LA ERA DE LOS DATOS, LOS ALGORITMOS Y LAS PLATAFORMAS DIGITALES

RESUMEN: Este artículo analiza la reconfiguración y la radicalización de las derechas contemporáneas en la era digital, a partir de un enfoque teórico y de un levantamiento crítico de la literatura reciente sobre la extrema derecha, las plataformas digitales y la política. Se parte del argumento de que la convergencia entre la globalización neoliberal, la ultraaceleración tecnológica y la digitalización/plataformización de la vida social crea condiciones estructurales que favorecen procesos de radicalización, movilización afectiva y normalización del autoritarismo en el espacio público. El argumento se construye en diálogo crítico con la literatura sobre la economía de la atención, los algoritmos, la cultura digital y la extrema derecha, articulando estos debates con una interpretación de las transformaciones recientes de las formas de acción política mediadas por plataformas. En este contexto, la extrema derecha opera menos a través de estructuras partidarias clásicas y más mediante redes flexibles, liderazgos difusos y la circulación transnacional de repertorios discursivos y simbólicos. Se concluye que, como efecto de estos procesos de radicalización y de la difusión de extremismos políticos en entornos en línea, el "fascismo digital" debe comprenderse en conexión con un ecosistema político-comunicacional que articula la actuación en plataformas digitales, regímenes de visibilidad y engagement, y la intensificación de los modos de agitación y propaganda en las redes. Las implicaciones de este diagnóstico señalan los límites de las respuestas centradas únicamente en la moderación de contenidos, que a menudo producen efectos contraproducentes al profundizar los procesos de radicalización.

PALABRAS CLAVE: Radicalización política. Extrema derecha. Fascismo digital. Plataformas digitales. Algoritmos.

INTRODUÇÃO

A digitalização acelerada da vida social tornou-se um elemento central da política contemporânea. Plataformas digitais, sistemas algorítmicos e infraestruturas informacionais passaram a organizar a comunicação política e a influenciar os modos de percepção, mobilização e conflito no espaço público. Discursos, afetos e identidades circulam segundo critérios de visibilidade e engajamento que interferem diretamente na dinâmica da disputa política.

Esses processos se articulam a transformações econômicas e sociais mais amplas, associadas à financeirização, à flexibilização do trabalho, à crise das instituições representativas e ao enfraquecimento de vínculos sociais tradicionais. Nesse contexto, as plataformas digitais assumem um papel relevante na organização do debate público, ao mediar a circulação de informações, hierarquizar conteúdos e influenciar padrões de comportamento e interação.

É nesse cenário que a literatura recente tem destacado a expansão e a radicalização das direitas no ambiente digital. Grupos e atores que mobilizam nacionalismo, autoritarismo, racismo e misoginia encontram nas plataformas condições favoráveis à formação de comunidades políticas, à consolidação de identidades coletivas e à intensificação de afetos mobilizadores. A ação política extremista passa a se estruturar de acordo com dinâmicas próprias do ambiente digital, como a viralização de conteúdos, o uso recorrente da ironia e da provocação e a circulação transnacional de discursos e símbolos.

Este artigo dialoga com esse conjunto de estudos a partir de uma abordagem teórica voltada à sistematização da literatura recente sobre radicalização política, extrema-direita e plataformas digitais. O texto busca organizar e articular contribuições dispersas desse campo, com o objetivo de oferecer um enquadramento analítico para a compreensão das transformações contemporâneas das formas de ação política mediadas por plataformas.

Do ponto de vista metodológico, o artigo configura-se como um ensaio teórico-interpretativo sustentado por revisão crítica da literatura. Não se trata de uma investigação empírica de casos específicos, mas de um esforço de sistematização e articulação de contribuições produzidas nos campos dos estudos sobre extrema-direita, comunicação digital, plataformas, algoritmos e radicalização política. O recorte bibliográfico privilegiou obras de referência e trabalhos recentes que abordam as relações entre transformações tecnológicas, dinâmicas de plataformização e formas contemporâneas de extremismo político. A seleção das referências foi orientada por critérios de pertinência temática, relevância teórica e capacidade explicativa para a construção do argumento desenvolvido ao longo do texto.

O argumento desenvolvido sustenta que os processos de radicalização observados no ambiente digital se relacionam à convergência entre neoliberalismo, aceleração tecnológica e plataformização da vida social. Dinâmicas algorítmicas de recomendação, a centralidade da economia da atenção e a mercantilização dos dados tendem a favorecer a circulação de conteúdos polarizadores e emocionalmente carregados, que ocupam posição relevante na dinâmica recente da radicalização ideológica.

Com base nesse diagnóstico, o artigo propõe um enquadramento analítico organizado em três mecanismos articulados. O primeiro diz respeito à captura da atenção por sistemas algorítmicos, que convertem engajamento emocional (como indignação, medo e ressentimento) em visibilidade política. O segundo refere-se às transformações da linguagem política dos extremismos em ambientes digitais, marcadas pela simplificação discursiva, pela oposição entre "amigos" e inimigos e pela elevada capacidade de circulação e replicação de conteúdos. O terceiro envolve a formação de ecossistemas digitais segmentados, nos quais comunidades ideologicamente homogêneas se consolidam em circuitos relativamente fechados e reforçam processos de radicalização.

A partir dessa articulação, o texto sugere que a radicalização da extrema-direita nas plataformas digitais – frequentemente discutida na literatura por meio de expressões como "fascismo digital" ou "ciberfascismo" – se desenvolve em estreita relação com infraestruturas técnicas orientadas por incentivos econômicos e com dinâmicas contemporâneas de mobilização política, que reconfiguram as condições de ação no espaço público digital.[4]

[4] O conceito de "ciberfascismo" foi trabalhado por Griffin (2018, p. 114) para descrever a digitalização do fascismo no contexto da massificação da internet, isto é, a adaptação de seus repertórios, símbolos e formas de ação às novas condições tecnológicas e comunicacionais. A literatura recente também utiliza a expressão "fascismo digital" como termo próximo para designar formas contemporâneas de radicalização da extrema-direita mediadas por plataformas digitais (p. ex. Fielitz; Marcks, 2019; Fuchs, 2022). Trata-se de um debate mais amplo sobre as continuidades e reconfigurações do fascismo para além de seu contexto histórico de origem, sem que isso implique qualquer equivalência direta entre o fascismo histórico e as formas contemporâneas de extremismo político em ambientes digitais. Neste artigo, os dois termos são empregados nesse sentido, de modo intercambiável, para indicar a reconfiguração de repertórios autoritários, nacionalistas e excludentes segundo as lógicas de circulação dos ambientes digitais. Sobre os riscos de ampliação conceitual do fascismo, ver Allardyce (1979) e Griffin (2013).

NEOLIBERALISMO, ULTRA-ACELERAÇÃO TECNOLÓGICA E DIGITALIZAÇÃO DA VIDA SOCIAL

Para compreender a emergência e a circulação contemporânea de discursos e práticas autoritárias em ambientes digitais, é necessário situar a análise no contexto histórico-social da modernidade digital. Tais fenômenos se constituem no interior das transformações estruturais associadas à consolidação do capitalismo neoliberal e aos processos de digitalização que redefinem as condições de organização social, política e cultural. Nesse sentido, a expansão das infraestruturas digitais, a plataformização das interações sociais e a crescente centralidade dos dados configuram um ambiente sócio-técnico específico, no interior do qual novas formas de mobilização política, circulação ideológica e militância se tornam possíveis.

A compreensão da digitalização da vida social exige que ela seja situada no quadro mais amplo das transformações associadas à consolidação do neoliberalismo no final do século XX. É nesse período que o capitalismo passa a operar de modo efetivamente global, estruturando-se em torno de uma economia mundial marcada pela intensificação dos fluxos econômicos, informacionais e produtivos em tempo real. A centralidade adquirida pelo mercado como princípio organizador da vida social redefine padrões de sociabilidade, formas de expressão cultural e modos de comportamento, subordinando-os a lógicas universalizantes de concorrência e valorização econômica (Zolo, 2004, p. 7).

Nessa perspectiva, a globalização não pode ser interpretada como um simples desdobramento técnico ou inevitável do desenvolvimento capitalista. Conforme argumentou Luciano Gallino (2000), trata-se de um projeto político-econômico de alcance mundial, historicamente situado e atravessado pela dinâmica da luta de classes, por meio do qual se consolida a hegemonia de elites transnacionais. Essas elites se beneficiam de mecanismos cada vez mais sofisticados e acelerados de extração de mais-valor, produzindo um cenário paradigmático caracterizado por transformações profundas e duradouras nas esferas social, econômica, cultural e política.

A consolidação da globalização econômica e política no final do século XX está associada a um processo de erosão das bases institucionais

da chamada democracia moderna nas sociedades ocidentais (Streeck, 2018). Esse movimento implica a dissolução progressiva de um arranjo histórico que havia se estruturado no período posterior à Segunda Guerra Mundial e que se estendeu até meados da década de 1970, identificado por Eric Hobsbawm (1995, p. 253) como os "anos dourados" do capitalismo industrial. O esgotamento desse modelo democrático-social não pode ser compreendido como um evento pontual, mas como o resultado de transformações de longa duração que culminaram na afirmação do capitalismo globalizado.

É nesse contexto que Wolfgang Streeck (2018, p. 16) identificou a emergência daquilo que denomina "revolução neoliberal". Em sua dimensão econômica, esse processo se caracteriza por um conjunto articulado de críticas dirigidas ao Estado fiscal e ao modelo keynesiano do pós-guerra, incluindo a contestação dos níveis de gasto público, do chamado "excesso de emprego", da rigidez dos mercados de trabalho e dos mecanismos de regulação econômica. Tais críticas convergiram para a defesa de um novo regime de acumulação, orientado pela liberalização dos mercados, pela contenção do Estado social e pela reconfiguração das relações entre economia, política e democracia.

A partir dessa inflexão histórica, o neoliberalismo passa a operar como um conjunto coerente de mecanismos voltados à liberação dos fluxos de capital em escala global. Segundo Streeck (2018), esse processo envolve, em primeiro lugar, a reorganização do progresso econômico sob a primazia da acumulação privada, acompanhada da contenção sistemática dos gastos do Estado fiscal, progressivamente endividado e politicamente constrangido. Em segundo lugar, aprofunda-se a dissociação entre o caráter social da produção e a apropriação privada de seus resultados, ampliando a mobilidade do capital e favorecendo os interesses das elites financeiras. Por fim, consolida-se uma estratégia de despolitização do mercado, apresentada como espaço autorregulado de justiça e eficiência, o que implica o esvaziamento do Estado enquanto instância de mediação e justiça social. Nesse contexto, aliado à lógica globalizante do neoliberalismo, impõe-se a vitória da lógica econômica sobre as demais dimensões

da vida coletiva, produzindo o esvaziamento da esfera pública e formas difusas de "apatia cívica" (Lahuerta, 2020, p. 356).

A efetivação desse projeto em escala planetária dependeu da implementação de um amplo conjunto de diretrizes políticas, entre as quais se destacam a difusão do modelo produtivo *just in time* e da acumulação flexível, a desregulamentação dos setores industriais e a liberalização econômica, a retração das proteções associadas ao Estado social, a privatização e a terceirização de bens públicos, a substituição de regimes tributários progressivos por sistemas fiscais regressivos, o abandono de políticas redistributivas e a intensificação das desigualdades socioeconômicas. Esse movimento é acompanhado pela crescente financeirização da economia e pela ampliação do poder do capital financeiro sobre o capital produtivo, com impactos diretos sobre a organização econômica e a vida cotidiana (Brown, 2015; Sassen, 2015).[5]

A modernidade digital é atravessada por uma dinâmica aceleratória que se intensifica a partir das últimas décadas do século XX, em estreita articulação com a implementação das políticas neoliberais orientadas pela flexibilização produtiva, pela desregulamentação e pela liberalização dos fluxos de capital (Rosa, 2019a, p. 428). Esse período corresponde, no plano tecnológico, à consolidação global da *internet* e da *web*, bem como à difusão massiva de dispositivos digitais no cotidiano – computadores pessoais, smartphones e demais dispositivos portáteis – acompanhada da generalização do uso das redes sociais.

Esse processo de reconfiguração técnica da vida social incide sobre um campo já profundamente marcado pelo esvaziamento da esfera pública e pela corrosão das formas de formação crítica produzidas pelo neoliberalismo. Nesse contexto, a hiperconectividade e a comunicação

[5] No plano cultural, a neoliberalização tem sido associada à ascensão da hiperindividualização, do hiperconsumismo e do hiper-hedonismo como modos de existência dominantes, acompanhados pela dissolução de vínculos coletivos e pela internalização de imperativos de desempenho e autovalorização (Bauman, 2001; Han, 2017). Esse processo implica a difusão de uma racionalidade orientada pela mercadorização da vida social e pela produção do indivíduo como "empresa de si", sob dispositivos de governamentalidade empresarial e gestão neoliberal da subjetividade, que concebem o sujeito como capital humano responsável por sua própria valorização e fracasso (Dardot; Laval, 2010; Brown, 2015).

online reorganizam os fluxos de informação e contribuem para a desnaturalização de uma percepção agonística da política e para a degradação dos próprios processos cognitivos e educacionais. Como sintetiza Lahuerta:

> Em termos educacionais, a hiperconectividade e a comunicação on line, que foram decisivas para naturalizar a perspectiva que pensa a política como guerra, mostraram-se tão ou mais desastrosas, ao criarem a ilusão de que é possível ter acesso ao conhecimento sem aprendizagem, sem disciplina, sem estudo, sem diálogo contraditório, simplesmente negando-se a aceitar a complexidade do mundo e agarrando-se a formas de pensamento mágico. (Lahuerta, 2020, p. 357).

A convergência entre esses avanços tecnológicos e a aceleração técnica dos meios de comunicação e dos sistemas de processamento informacional produz uma transformação qualitativa nos ritmos sociais. A circulação instantânea de informações, aliada ao desenvolvimento de infraestruturas baseadas em grandes volumes de dados, algoritmos e bases computacionais complexas, configura um estágio inédito de intensificação dos processos de aceleração, que pode ser caracterizado como uma forma de ultra-aceleração tecnológica.

No interior dessa discussão, a noção de aceleração técnica e tecnológica ocupa lugar central na teoria de Hartmut Rosa (2019a). Para o autor, os processos de racionalização e modernização próprios da modernidade capitalista engendram uma dinâmica aceleratória estrutural, que atua como força constitutiva do modo de produção e incide diretamente sobre valores sociais, padrões de mudança histórica, formas de ação e processos de subjetivação. Essa dinâmica manifesta-se de maneira particularmente visível na intensificação dos ritmos do transporte, da comunicação, da produção de bens e serviços, bem como no processamento de dados e no desenvolvimento da tecnologia da informação.

À luz dessa abordagem, a aceleração observada na passagem do século XX para o XXI não pode ser compreendida como mera continuidade quantitativa de tendências anteriores. Trata-se, antes, de um salto qualitativo nos processos de modernização, impulsionado pelas

revoluções digitais, que aprofunda e reconfigura os padrões de aceleração já existentes. Esse novo patamar, especialmente concentrado na esfera dos dados, dos sistemas informáticos e das infraestruturas digitais, pode ser caracterizado como uma forma de ultra-aceleração tecnológica.[6]

A digitalização da vida social pode ser compreendida como um desdobramento direto da dinâmica de ultra-aceleração tecnológica que caracteriza as revoluções digitais contemporâneas. A tecnologia digital constitui um campo complexo de forças econômicas, políticas e culturais. Como observa Evgeny Morozov (2018, p. 7), trata-se de um fenômeno profundamente imbricado com a geopolítica, a financeirização global, o consumismo e a crescente apropriação corporativa das relações sociais e dos vínculos mais íntimos dos indivíduos.

Nessa perspectiva, a noção de digitalização do mundo refere-se à emergência de um novo sistema social cuja infraestrutura tecnológica se organiza segundo o modelo da "sociedade em rede" (Castells, 2005). Esse arranjo baseia-se na articulação de redes digitais de dispositivos e plataformas capazes de produzir, processar e disseminar informações a partir da circulação contínua de dados e conhecimentos acumulados em seus múltiplos nós, sob o paradigma da tecnologia da informação.

A expansão dos processos de digitalização transforma profundamente as formas de organização da sociedade contemporânea, incidindo sobre suas dimensões social, econômica, cultural e política. Nesse contexto, o digital se insere na vida cotidiana sob a promessa da chamada "inteligentificação" das práticas sociais e da crescente "regulação algorítmica" dos comportamentos (Morozov, 2018, p. 84–85). A primeira dessas dinâmicas associa-se ao ideal de ampliação do controle, da vigilância e do rastreamento contínuo, promovido por grandes

[6] Rosa redefine a modernidade a partir do princípio da "estabilização dinâmica", segundo o qual sociedades modernas dependem permanentemente de crescimento, inovação e aceleração para sua reprodução material e institucional (Rosa, 2015, p. 283). Nesse quadro, a aceleração opera como paradigma central, articulando desenvolvimento técnico, valores sociais e ritmos de vida, em consonância com a lógica da escalada, da auto-otimização e da maximização de recursos (Rosa, 2020). A difusão dos meios digitais intensifica essa dinâmica ao responder à exigência contemporânea de conexão contínua e imediata com múltiplas esferas do mundo, independentemente da localização geográfica (Rosa, 2018).

corporações tecnológicas que buscam estender seus sistemas operacionais a uma multiplicidade de objetos, com o objetivo de intermediar as relações entre indivíduos e o mundo material.

Já a regulação algorítmica remete à consolidação de um modelo emergente de governança compatível com o programa político-econômico do Vale do Silício, no qual as *Big Techs* passam a desempenhar funções regulatórias centrais na vida social. Nesse arranjo, decisões e normatizações são cada vez mais orientadas por sistemas de inteligência artificial baseados no processamento massivo de dados, metadados e registros de atividade dos usuários, deslocando para as plataformas digitais a capacidade de antecipar, moldar e administrar comportamentos em larga escala.

É nesse cenário, marcado pela consolidação de uma economia digital[7], que se tornam inteligíveis os processos de expansão da plataformização e da dataficação no capitalismo contemporâneo. À medida que a vida social, econômica e política passa a ser crescentemente mediada por infraestruturas digitais, as plataformas assumem um papel central na organização das interações e na captura sistemática de dados. Nesse sentido, as plataformas devem ser compreendidas como uma forma específica de organização empresarial no interior da economia digital, conforme a definição proposta por Srnicek:

> [...] as plataformas constituem um novo tipo de empresa: caracterizam-se por fornecer a infraestrutura que intermedeia diferentes grupos de usuários, por apresentar tendências monopolistas impulsionadas por efeitos de rede, por empregar a subsidiarização cruzada para atrair diferentes públicos e por dispor de uma arquitetura central projetada que governa as possibilidades de interação (Srnicek, 2017, p. 31–32, tradução nossa).

[7] Srnicek (2017, p. 10) define economia digital como o conjunto de atividades econômicas cujo funcionamento depende crescentemente da tecnologia da informação, dos dados e da internet. Trata-se de um campo transversal, que atravessa setores tradicionais e assume caráter sistêmico na economia contemporânea, na medida em que a digitalização passa a operar como infraestrutura central de acumulação, conferindo nova legitimidade e dinamismo ao capitalismo atual.

Essa concepção permite compreender as plataformas digitais como infraestruturas estratégicas de mediação social, estruturadas a partir de modelos de negócio orientados pelo controle das interações e pela apropriação sistemática dos dados produzidos na circulação cotidiana de informações, práticas e vínculos sociais. Tais atributos fazem das plataformas elementos centrais da economia digital contemporânea, uma vez que fornecem a infraestrutura por meio da qual as *Big Techs* intermedeiam relações entre diferentes grupos de usuários e se apropriam, registram e processam os dados por eles gerados (Srnicek, 2017, p. 32). No caso das plataformas de redes sociais – como Facebook, Twitter/X e Instagram –, essa lógica viabiliza a captação contínua de um amplo espectro de interações sociais, incluindo formas de comunicação, sociabilidade e engajamento político, passíveis de análise, modulação algorítmica e monetização em larga escala.

Diante desse quadro, a política contemporânea passa a se realizar, em larga medida, no interior das plataformas digitais e das redes sociais, ao mesmo tempo em que os processos de digitalização reconfiguram profundamente as dinâmicas de produção, circulação e atualização das ideologias políticas no presente. Fenômenos como o (neo)fascismo desenvolvem-se em estreita articulação com a era dos dados, dos algoritmos e dos sistemas informáticos, que passam a desempenhar um papel estruturante na organização da comunicação política, na formação de engajamentos e na modulação dos comportamentos coletivos.

PLATAFORMIZAÇÃO, DADOS E ALGORITMOS NA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA

Como se torna evidente a partir do quadro delineado anteriormente, parte-se do pressuposto de que as redes sociais e, de modo mais amplo, o ambiente digital passaram a ocupar um lugar central nos processos sociais e políticos contemporâneos. Como observa Luciano Galup (2019, p. 35), essas plataformas passaram a ocupar uma posição estratégica na conformação de comunidades digitais e na organização de práticas de engajamento político, tanto à direita quanto à esquerda do espectro

ideológico, dando origem a formas específicas de cibermilitância associadas ao que o autor denomina "ativismo 2.0" (Galup, 2019, p. 73). A consolidação dessas modalidades de engajamento, contudo, além de ampliar os canais de participação política, introduz tensões significativas nas dinâmicas e nos tempos tradicionalmente associados à política institucional, contribuindo para processos de desestabilização, aceleração e distorção do debate público. Nesse contexto, a mobilização política contemporânea torna-se indissociável das disputas em torno do uso e do processamento de dados, das estratégias de análise e circulação midiática, bem como das técnicas algorítmicas de visibilidade e engajamento nas redes digitais.

Nesse contexto, o papel do *Big Data* e da lógica algorítmica adquire centralidade tanto no debate público quanto nas investigações acadêmicas voltadas à política contemporânea. À medida que disputas, antagonismos, debates e formas diversas de mobilização política passam a se concentrar crescentemente no ambiente digital, as corporações tecnológicas assumem uma posição estratégica de poder social. Por meio da extração, do processamento e da análise massiva dos dados gerados pelos usuários, essas empresas passam a dispor de mecanismos capazes de estimular, orientar e modular valores, gostos, preferências, disposições afetivas, visões de mundo e posicionamentos políticos de indivíduos e coletividades conectadas (Rosa, 2019b, p. 430).

O envolvimento da campanha de Donald Trump, durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016, com a empresa britânica de consultoria política *Cambridge Analytica* é amplamente considerado um episódio paradigmático no debate sobre a articulação entre *Big Data* e comunicação política. Trata-se de um dos primeiros casos em que o uso sistemático de grandes volumes de dados, combinado a estratégias de segmentação comunicacional, alcançou repercussão expressiva no campo político-eleitoral (Galup, 2019, p. 145). O episódio ganhou visibilidade após denúncias e investigações judiciais revelarem que a empresa coletou dados de milhões de usuários do Facebook de maneira pouco transparente – ainda que compatível com os marcos regulatórios vigentes à época –, utilizando essas informações para a elaboração de perfis psicológicos e para o direcionamento personalizado de conteúdos voltados à

desinformação e à mobilização emocional do eleitorado, com base em análises de *Big Data* (Confessore, 2018).[8]

Para além do impacto do *Big Data* e das técnicas de coleta e processamento de dados nos processos eleitorais, ganha relevo no debate público e acadêmico o modo como a lógica algorítmica das plataformas e os processos de datafi cação influenciam a circulação e a hierarquização de conteúdos políticos nas redes sociais. Conforme argumenta Galup (2019, p. 131), plataformas como Facebook, Twitter/X e Instagram tendem a priorizar conteúdos capazes de estimular a interação dos usuários, operando a partir de sistemas que "aprendem" com padrões anteriores de engajamento e passam a oferecer, de forma recorrente, aquilo que tem maior probabilidade de suscitar reações futuras.

Um dos paradoxos centrais dessa arquitetura algorítmica reside no fato de que emoções negativas – como medo, indignação e ressentimento – produzem níveis de engajamento superiores aos associados a afetos positivos, o que leva Galup (2019, p. 131) a sintetizar esse processo na fórmula segundo a qual "nosso ódio impulsiona conteúdos". Em razão dessa lógica de distribuição, discursos de ódio, narrativas de ameaça e formas diversas de intolerância tendem a ser amplifi cados, fazendo com que as *Big Techs* atuem, nos termos propostos por Giuliano da Empoli (2019), como verdadeiros "engenheiros do caos", ao explorar sistematicamente afetos negativos e paixões políticas no ambiente digital.[9]

---

[8] Ainda que processos de comunicação política digital baseados em dados possam desempenhar um papel relevante no cenário político contemporâneo – como indicam outros episódios, a exemplo do *Brexit* –, Galup (2019, p. 146) adverte que não é possível atribuir a eventos como o chamado "escândalo da *Cambridge Analytica*" um impacto direto e determinante sobre os resultados eleitorais. Tal leitura, além de simplifi cadora, desconsidera a complexidade dos processos democráticos e a multiplicidade de fatores que estruturam o comportamento político dos eleitores.

[9] Não é incomum que usuários e grupos caracterizados pela circulação de conteúdos extremistas migrem para outras plataformas do ecossistema digital – como o Gab e Rumble – diante do endurecimento das políticas de moderação em redes mais difundidas, a exemplo do Facebook, Youtube ou do Twitter/X. Esse deslocamento evidencia os limites das soluções estritamente tecnológicas e reforça a ideia de que problemas políticos demandam respostas políticas, e não apenas intervenções técnicas (Galup, 2019, p. 132).

No final de 2021, ganhou ampla repercussão pública a denúncia apresentada por Frances Haugen, ex-funcionária do Facebook, engenheira da computação e especialista em ciência de dados. Após uma trajetória profissional em empresas como Google e Pinterest, Haugen foi contratada pela plataforma em 2019 e passou a ter acesso a documentos internos que indicavam o enfraquecimento deliberado de mecanismos de transparência e de responsabilização institucional. Segundo seu relato, a empresa teria priorizado o desenvolvimento e a manutenção de algoritmos capazes de impulsionar conteúdos associados a discurso de ódio, violência e desinformação, mesmo diante do conhecimento prévio de seus efeitos sociais deletérios.

De acordo com Haugen, essa orientação estratégica respondia a interesses econômicos claros: a adoção de critérios mais rigorosos de segurança algorítmica reduziria o tempo de permanência dos usuários na plataforma, diminuiria a exposição a anúncios e, consequentemente, comprometeria a rentabilidade do modelo de negócios da empresa (Pelley, 2021). O episódio evidenciou, assim, a tensão estrutural entre a maximização do engajamento e a mitigação dos danos sociais produzidos pelas plataformas digitais.[10]

Embora essa dinâmica não seja exclusiva do campo político da direita, a lógica de distribuição de conteúdos nas plataformas digitais contribuiu de maneira decisiva para a ascensão acelerada de atores vinculados a esse espectro ideológico. Conforme analisa Empoli (2019), figuras como Steve Bannon desempenharam um papel central na articulação entre estratégias de comunicação digital e a emergência de movimentos extremistas que alcançaram visibilidade *mainstream*, tanto nos Estados Unidos – no contexto da campanha de Donald Trump e do escândalo da *Cambridge Analytica* – quanto na Europa. No caso italiano, Empoli (2019) identifica a consolidação de um verdadeiro laboratório avançado de inovação

[10] Para Judy Wajcman (2019, p. 51), esse tipo de dinâmica expressa a lógica fundamental da economia digital da atenção, baseada na captura sistemática do tempo e da atenção dos usuários como recurso a ser monetizado. Trata-se de um modelo sustentado pela oferta de serviços aparentemente gratuitos em troca da exposição contínua à publicidade, mecanismo central para a expansão do tempo online em escala global.

política, descrito como um "Vale do Silício do populismo", no qual se experimentaram e refinaram técnicas de mobilização digital associadas à ultradireita contemporânea.

Nesses contextos, difundiu-se uma estratégia política que combina agendas autoritárias, anti-igualitárias e nativistas com o uso intensivo de ferramentas de comunicação digital. Lideranças como Donald Trump, Matteo Salvini (Lega) e Beppe Grillo (Movimento 5 Stelle) souberam explorar a comunicação direta proporcionada pelas redes sociais para construir e ampliar seu capital político junto a amplos segmentos do eleitorado. Esse prestígio é produzido de forma contínua por meio da circulação de discursos, gestos, símbolos e slogans, ajustados em tempo quase real com base em análises de *Big Data*, bancos de dados, ferramentas de *data analytics*, monitoramento de *trending topics* e dispositivos automatizados – como *chatbots* –, além do trabalho sistemático de equipes especializadas em marketing político, propaganda e comunicação digital (Zuin, 2021, p. 152).

Se os casos anteriormente mencionados podem ser compreendidos como um laboratório da ultradireita *mainstream* em sua versão digitalizada, é possível identificar diversos outros contextos nacionais nos quais lideranças, partidos e movimentos ultradireitistas alcançaram projeção e popularidade a partir da instrumentalização sistemática dos recursos oferecidos pela infraestrutura digital – um fenômeno amplamente consolidado no cenário contemporâneo. No contexto europeu, destacam-se exemplos como a Alternative für Deutschland (AfD), na Alemanha, o Rassemblement National, na França, Viktor Orbán, na Hungria, e Nigel Farage, no Reino Unido. Na América Latina, casos como Jair Bolsonaro, no Brasil, e Javier Milei, na Argentina, ilustram dinâmicas semelhantes de ascensão política associadas ao uso intensivo das plataformas digitais.

Os casos latino-americanos apresentam especificidades que merecem atenção. No Brasil, Cesarino (2020) demonstra que o fenômeno bolsonarista encontrou no WhatsApp seu veículo privilegiado em razão de condições estruturais particulares: a oferta de pacotes de dados gratuitos pelas operadoras tornou o aplicativo a principal porta de acesso à internet para amplos segmentos de menor renda, convertendo uma assimetria digital estrutural em um canal de alcance político inédito. A precarização

do trabalho e o esvaziamento das redes de proteção social produziram um terreno de incerteza e ressentimento que o mecanismo populista soube articular com eficácia singular, e a "fractalização" descrita pela autora – processo pelo qual os próprios usuários passaram a reproduzir espontaneamente os padrões discursivos da campanha – encontrou solo fértil precisamente entre os setores mais expostos à crise e menos integrados aos circuitos institucionais de informação.

No caso argentino, Del Pino Díaz (2024) evidencia que o "populismo empresarial" de Milei adquire contornos particulares num contexto de deslegitimação crônica do Estado, produto de décadas de crises econômicas e ajuste estrutural: diferentemente de Trump ou Berlusconi, Milei radicaliza o gesto ao propor o empreendedor como modelo universal de ação social, convertendo a retórica da Escola Austríaca em linguagem popular num ambiente em que o fracasso histórico das instituições públicas confere verossimilhança imediata à narrativa libertária. Em ambos os casos, a eficácia do engajamento digital encontra-se inseparável das crises sociais, econômicas e institucionais que lhe fornecem substrato – sugerindo que, em contextos periféricos, a radicalização digital assume uma dimensão anti-institucional que potencializa seus efeitos sobre as estruturas democráticas.

Isso não implica afirmar que tais trajetórias tenham sido determinadas exclusivamente pelo desempenho desses atores nas redes sociais, especialmente em contextos atravessados por crises sociais, econômicas, políticas e culturais complexas – frequentemente tensionadas e exploradas por esses próprios agentes. Ainda assim, torna-se cada vez mais evidente que o engajamento online desempenhou um papel relevante na ampliação de sua visibilidade pública, na consolidação de bases militantes e na intensificação dos processos de escalada e radicalização das direitas *mainstream* no presente. Esse conjunto de dinâmicas expressa a captura da atenção por sistemas algorítmicos, que convertem engajamento emocional em visibilidade política.

Os processos discutidos até aqui articulam-se de maneira estreita na dinâmica da comunicação política desenvolvida naquilo que tem sido descrito como a era da "tirania das *Big Techs*" (Hawley, 2021).

Por um lado, destaca-se o que parte da literatura vem caracterizando como um traço "neototalitário" do digital, isto é, o poder inédito exercido pelas grandes plataformas na orientação de condutas humanas por meio da gestão algorítmica das experiências, da coleta massiva de dados e da securitização contínua da vida social.[11] Nesse arranjo, as *Big Techs* não apenas intermediam, mas também estimulam e modulam as interações sociopolíticas, assumindo um papel estrutural na organização da esfera pública contemporânea.

Por outro lado, esse mesmo ambiente técnico e comunicacional oferece condições particularmente favoráveis à atuação de partidos, movimentos e indivíduos comprometidos com a difusão de ideias, práticas e conteúdos extremistas. Inseridos em um ecossistema midiático e tecnológico mais amplo, esses agentes se beneficiam da lógica da plataformização digital, que favorece a comunicação direta, à circulação acelerada de discursos e a mobilização política em larga escala, impulsionando processos de radicalização no interior das direitas contemporâneas (Miller-Idriss, 2022, p. 194).

RADICALIZAÇÃO DA EXTREMA-DIREITA NAS REDES E FASCISMO DIGITAL

A partir de uma leitura ancorada na teoria crítica frankfurtiana, Bruna Della Torre (2025a) propõe compreender a infraestrutura tecnológica da plataformização como uma atualização da indústria cultural no contexto digital. Segundo a autora, trata-se de uma totalidade social composta por redes sociais, plataformas e dispositivos tecnológicos que operam não apenas como meios de comunicação, mas como uma forma específica de organização política. Nesse arranjo, a indústria cultural digital passa a desempenhar, em muitos casos, funções anteriormente atribuídas ao partido

[11] Para descrever essa configuração, alguns autores recorrem aos conceitos de "neototalitarismo soft" ou "leviatã digital" (Panarari, 2021), entendidos como formas híbridas de dominação que combinam elementos do autoritarismo estatal, da racionalidade neoliberal e do poder extrativo das plataformas digitais. Trata-se de um modelo caracterizado por uma penetração capilar e contínua – amplamente normalizada – nos comportamentos individuais e coletivos.

de massas na articulação da extrema-direita contemporânea, estruturando práticas de mobilização e coordenação política em larga escala.

Ao considerar as interações complexas entre dinâmicas online e offline, observa-se que esse modelo organizacional tem permitido ao campo da direita radicalizada alcançar, em diversas circunstâncias, níveis de eficácia superiores aos observados em segmentos da esquerda, especialmente no que diz respeito à capacidade de converter engajamento digital em ação coletiva presencial. A mobilização ágil de apoiadores das redes para as ruas, a organização de manifestações e, em casos extremos, de tentativas de ruptura institucional – como os episódios do Capitólio, nos Estados Unidos, e da invasão do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal no Brasil – ilustram a centralidade assumida pela indústria cultural digital na política contemporânea.

A formulação de Della Torre dialoga diretamente com a interpretação proposta por Christian Fuchs (2022, p. 239), segundo a qual o estilo ideológico e comunicacional adotado por Donald Trump no Twitter/X deve ser compreendido à luz do conceito de indústria cultural. Nessa perspectiva, trata-se de um sistema social e político que articula mercadorização, autoritarismo e espetacularização, elementos que se reconfiguram no interior do ambiente digital. Nesse contexto, a liderança carismática é chamada a performar publicamente uma personalidade autoritária e a difundir uma ideologia marcada por traços nacionalistas, anti-igualitários, militaristas, patriarcais e xenofóbicos, ajustando-se às dinâmicas específicas das plataformas digitais e às exigências do capitalismo informacional contemporâneo, caracterizado pela aceleração, pela simplificação discursiva e pela superficialidade comunicacional.

Sob essa chave interpretativa, a eficácia da comunicação trumpista reside na capacidade de estabelecer um contato direto e contínuo com seus públicos digitais – eleitores, seguidores e simpatizantes –, mobilizando valores, emoções e pulsões por meio de uma linguagem intencionalmente dinâmica, simplificada e dicotômica. Essa gramática comunicacional combina um tom agressivo e vexatório em relação aos adversários com uma postura conciliadora e afetiva diante dos aliados, articulando-se ainda à produção de imagens mobilizadoras por meio de recursos visuais e

multimodais, como fotografias, vídeos, memes e outros formatos próprios da cultura digital (Fuchs, 2022, p. 239).

Para além do engajamento online e da mobilização digital associados a lideranças, partidos e movimentos da ultradireita *mainstream* – como o trumpismo ou o bolsonarismo –, a literatura recente tem chamado atenção para a emergência de organizações, grupelhos e atores individuais que articulam comunicação digital e extremismo político no interior das próprias plataformas tecnológicas. Ainda que frequentemente permaneçam à margem do debate público e da cobertura midiática tradicional, esses agentes encontram no ecossistema digital condições favoráveis para ampliar progressivamente seu alcance, construir audiências e difundir valores, ideias e visões de mundo por meio da circulação de conteúdos multimodais – textos, imagens, símbolos e ícones próprios da cultura digital –, bem como pela inserção em comunidades virtuais estruturadas em redes sociais, fóruns e sites especializados (Miller-Idriss, 2022; Donovan; Lewis; Friedberg, 2019).

A redefinição contemporânea da extrema-direita, em seus diferentes agentes, movimentos e trajetórias individuais, passa de modo decisivo pelo uso intensivo das mídias digitais e pela elaboração de uma linguagem política ajustada às dinâmicas de circulação, visibilidade e engajamento das plataformas. Nesse processo, observam-se tanto formas organizativas e propagandísticas renovadas quanto o desenvolvimento de estratégias comunicativas que expressam a intensificação e a radicalização desse campo político na era digital.

A literatura recente tem destacado que essas transformações se expressam, de um lado, na constituição de um repertório discursivo, estético e performativo específico da extrema-direita contemporânea, amplamente moldado pelos dispositivos técnicos e pelas formas de mediação próprias das plataformas digitais, bem como por suas lógicas algorítmicas de distribuição de conteúdos. De outro, o ambiente digital passa a operar como um ecossistema tecno-político capaz de fornecer novas possibilidades de articulação, organização, mobilização, agitação e propaganda, criando condições para formas inéditas de radicalização política. Contribuições reunidas por Fielitz e Thurston (2019) sobre as culturas da extrema-direita

digitalizada no Norte Global oferecem elementos centrais para compreender como práticas online e dinâmicas offline se entrelaçam na emergência de um extremismo político cibernético, cujos efeitos ultrapassam o espaço virtual e incidem diretamente sobre a esfera pública e o campo político contemporânea.

Em estreita articulação com a expansão da internet e das plataformas digitais, observa-se a emergência da chamada *alt-right* (direita alternativa), sobretudo nos Estados Unidos, como um conjunto relativamente heterogêneo de grupos, redes, subculturas e indivíduos que ganham visibilidade a partir da década de 2010.[12] Esses agrupamentos combinam, com frequência, elementos de ultranacionalismo, nativismo e etnonacionalismo a discursos racistas, misóginos e xenófobos, articulados por uma reação agressiva a agendas identificadas como marxistas, globalistas, feministas, liberais ou progressistas.

Um traço distintivo desses coletivos reside no uso estratégico de uma linguagem e de um estilo discursivo marcados pelo humor, pela ironia e pela sátira no ambiente digital. Como argumentam May e Feldman (2019), essa retórica opera como um mecanismo de normalização simbólica, ao tornar posições racistas, ultranacionalistas, misóginas e intolerantes mais palatáveis e socialmente circuláveis, sobretudo para públicos jovens e heterogêneos inseridos nas dinâmicas comunicacionais das plataformas digitais.

Na circulação de mensagens marcadas por referências bélicas – frequentemente associadas à morte, ao ódio racial e à exclusão de sujeitos não brancos, tal como promovido por ideologias supremacistas – os extremismos digitais recorrem de modo sistemático ao uso de *memes* (Askanius; Keller, 2021). Esses artefatos comunicacionais, que podem assumir a forma de imagens, vídeos ou frases de circulação viral, operam majoritariamente por meio do humor, da ironia e da sátira, sendo

[12] Um marco decisivo da ascensão da *alt-right* e da extrema-direita digitalizada nos Estados Unidos foi o conjunto de episódios de violência ocorridos durante o comício supremacista branco *Unite the Right*, realizado em Charlottesville, em 2017. O evento constitui um ponto de inflexão ao conferir ampla visibilidade pública aos grupos extremistas articulados no ambiente online e às suas dinâmicas de mobilização offline (Al-Rawi, 2021, p. 822).

continuamente apropriados, adaptados e ressignificados no interior das redes digitais. No contexto do extremismo online, a produção e a difusão de *memes* incorporam elementos da cultura popular e juvenil – especialmente da cultura digital – em seus registros iconográficos, estéticos e discursivos.[13]

Ao analisar o processo que denominam "memeficação da política" a partir de postagens vinculadas ao movimento neonazista nórdico, Askanius e Keller (2021) sustentam que o uso de *memes* para incitar ódio – explícito ou velado – contra grupos concebidos como inimigos, bem como para evocar de forma nostálgica o nacional-socialismo hitlerista e afirmar discursos de "pureza branca" e superioridade racial, pode ser interpretado como uma atualização da estetização da política nazifascista no ambiente digital. Tal dinâmica se apoia, segundo as autoras, na exploração estratégica do vínculo entre humor e ódio nas telas virtualizadas.

O uso de memes políticos, articulado a práticas de hibridismo, "mixagem" e mimetismo – como a fusão entre o legado, a estética e a doutrina do extremismo político e elementos do universo digital ou da cultura pop *mainstream* – vão além da normalização e da moderação tática da cultura política de extrema-direita, sendo capazes também, inclusive, de produzir imagens aparentemente inofensivas, como animais dóceis realizando a saudação hitlerista (Askanius, 2021a). Além disso, memes e outros recursos visuais são mobilizados para a satirização e a ridicularização dos inimigos políticos e de eventos históricos a eles associados. A partir do caso do neonazismo sueco, Askanius (2021b) demonstra que a produção de memes opera como um dispositivo de difusão facilitada de mensagens racistas, antissemitas e antifeministas, ao explorar o humor e a sátira como estratégias de suavização ideológica. Nesse processo, o escárnio dirigido

[13] Entre os símbolos mais recorrentes das subculturas da extrema-direita cibernética no Norte Global destaca-se o Pepe the Frog, meme que se consolidou como código identitário, inclusive em manifestações de rua (Tuters, 2019, p. 38). Além disso, pesquisas sobre a extrema-direita alemã nas redes digitais indicam que memes xenófobos e ultranacionalistas combinam elementos da cultura pop e da indústria cultural contemporânea (como super-heróis ou estéticas dos anos 1980) com simbologias históricas – da Idade Média à nostalgia do nazismo –, compondo um repertório visual instrumentalizado para fins de radicalização política planejada (Borgerts; Fielitz, 2019).

aos inimigos articula-se à apologia do hitlerismo por meio de calúnias, estereótipos e ridicularizações, compondo uma retórica que confere leveza simbólica ao nazifascismo – fenômeno que a autora denomina *fresh-faced fascism*. Não raramente, tais memes assumem caráter negacionista, buscando ridicularizar a memória das vítimas do Holocausto.

Um recurso particularmente recorrente na comunicação política digital da extrema-direita é o emprego calculado de *hashtags* como instrumentos de mobilização, indexação e expansão de alcance. No interior das plataformas, essas marcas atuam como dispositivos semânticos capazes de estruturar a circulação de informações, conectar usuários geograficamente dispersos e aumentar a visibilidade de determinadas narrativas e agendas. Como demonstra Decook (2018) em sua análise do grupo extremista Proud Boys, nos Estados Unidos, as *hashtags* são incorporadas a campanhas de propaganda, agitação e recrutamento, operando como eixos organizadores de redes de apoio em torno de palavras-chave ideologicamente saturadas.

Em ambientes ainda mais radicalizados, essas mesmas ferramentas assumem funções de reafirmação identitária e de celebração política. No Twitter/X, por exemplo, *hashtags* são frequentemente utilizadas para homenagear figuras históricas do nazifascismo, como Adolf Hitler, inserindo tais referências em circuitos digitais transnacionais compostos por simpatizantes do nacional-socialismo (Fuchs, 2022, p. 228). Desse modo, aquilo que parece um simples mecanismo técnico de indexação converte-se em um vetor simbólico de pertencimento e de legitimação ideológica no interior da extrema-direita cibernética. É esse repertório que expressa o mecanismo da reorganização da linguagem política extremista segundo as lógicas de circulação, simplificação e replicação próprias das plataformas digitais.

Seja por meio de memes, seja pelo uso sistemático de *hashtags*, a comunicação extremista nas redes digitais recorre a formatos amplamente disseminados no ecossistema online para tornar seus conteúdos mais acessíveis e socialmente digeríveis. O emprego de humor, ironia e estilizações visuais funciona como uma estratégia de suavização estética, criando portas de entrada para temas políticos sensíveis e frequentemente violentos, ao mesmo tempo em que amplia o alcance das mensagens junto a públicos

mais amplos (Askanius, 2021b).

Essa lógica busca produzir uma subcultura digital que se apresenta como insurgente frente ao que é percebido como cultura dominante, geralmente associada à esquerda progressista, às elites políticas ou ao establishment. O sucesso da circulação de conteúdos extremistas no ambiente digital depende, assim, de sua capacidade de atrair e engajar diferentes segmentos, em especial jovens, permitindo que símbolos, códigos e linguagens compartilhados sirvam como base para a construção de vínculos de pertencimento e solidariedade em comunidades virtuais da extrema-direita (May; Feldman, 2019).

As práticas de provocação intencional que caracterizam a atuação dessas comunidades nas plataformas digitais, frequentemente descritas como "táticas troll", combinam humor agressivo, performatividade excêntrica e componentes ideológicos marcados por irracionalismo. Para Marc Tuters (2019), é justamente a articulação entre ironia e sátira política, de um lado, e crença, delírio coletivo e adesão simbólica, de outro, que possibilita a emergência de agrupamentos extremistas orientados à construção de comunidades imaginadas no espaço virtual, nas quais se produz uma sensação ilusória de unidade política e, em certos casos, também étnico-racial, ainda que tal coesão raramente ultrapasse os limites do imaginário digital. Um exemplo emblemático desse processo é a exaltação da nação fictícia denominada "Kekistan", frequentemente associada ao personagem Pepe the Frog, figura recorrente na iconografia memética da extrema-direita e mobilizada como símbolo identitário desses coletivos *online* (Tuters, 2019).

A difusão de irracionalismo nas redes digitais costuma caminhar lado a lado com a circulação sistemática de desinformação e de fake news, frequentemente mobilizadas como vetores de discursos de ódio. A partir de um estudo empírico, Darmstadt, Prinz e Saal (2019) examinam o impacto político do assassinato de uma adolescente de 14 anos na Alemanha, episódio que desencadeou uma ampla ofensiva discursiva anti-imigração e anti-islâmica por parte da extrema-direita nas plataformas digitais. O chamado "caso Keira" foi instrumentalizado por meio da propagação de uma narrativa enganosa segundo a qual o aumento dos fluxos de refugiados desde 2015 teria provocado uma elevação drástica dos índices de

criminalidade no país. Esse episódio evidencia como a desinformação opera, no ambiente online, como uma estratégia comunicativa destinada a ativar afetos e emoções coletivas, transformando medo, indignação e ressentimento em combustível para a mobilização política extremista.

O espaço digital vem sendo apontado por diversos pesquisadores como um terreno privilegiado para a circulação de discursos masculinistas e misóginos promovidos por grupos de extrema-direita, especialmente por meio do uso intensivo de imagens, símbolos e outros materiais visuais (Greene, 2019). No contexto escandinavo, Christoffer Kølvraa (2019) mostra como o movimento extremista sueco The Nordic Resistance Movement mobiliza, nas plataformas online, um imaginário cultural de matriz viking, associado à guerra, à virilidade e à violência, cujas raízes ideológicas se conectam ao neonazismo pan-nórdico. Por meio dessa iconografia digital, constrói-se uma comunidade virtual estruturada em torno da performatização de uma hipermasculinidade agressiva, orientada por ideais de dominação, força e supremacia.

A exploração política da pauta de gênero também ocupa um lugar central na comunicação digital da extrema-direita europeia. Ao analisar o caso da AfD na Alemanha, Berg (2019) demonstra como o partido estrutura suas intervenções nas redes em torno de uma ofensiva antifeminista, organizada contra aquilo que denomina "ideologia de gênero". Essa construção discursiva apresenta políticas de igualdade, diversidade sexual e educação de gênero como ameaças à família heterossexual, aos valores morais tradicionais e à reprodução do "povo" nacional. Nesse enquadramento, a defesa da heteronormatividade e da ordem patriarcal aparece revestida de uma retórica de proteção cultural e civilizacional.

De forma estratégica, essa agenda é integrada a um repertório mais amplo de hostilidade xenofóbica. A AfD passa a instrumentalizar a linguagem dos "direitos das mulheres" para sustentar narrativas que associam a imigração, sobretudo de populações muçulmanas, a um suposto crescimento da violência de gênero. Tal como no "caso Keira", examinado por Darmstadt, Prinz e Saal (2019), a produção de alarmismo moral e pânico social opera como um recurso de legitimação do racismo, deslocando problemas estruturais para bodes expiatórios étnico-culturais. No ambiente

das plataformas digitais, esse enquadramento revela elevada capacidade de mobilização, convertendo discursos antifeministas em vetores de radicalização política e de consolidação de uma visão de mundo autoritária, excludente e racializada (Berg, 2019).

Diversas outras práticas de distorção informacional e indução ao erro são recorrentes nos ambientes virtuais da extrema-direita. Para além do uso sistemático de narrativas dramatizadas e conspiratórias no interior das chamadas "guerras de informação" online, Fielitz e Marcks (2019) destacam o *gaslighting* como um dos dispositivos mais sofisticados de manipulação cognitiva empregados por esses grupos. Essa técnica opera ao corroer a própria noção de verdade compartilhada, difundindo a ideia de que não existem fatos objetivos, apenas percepções e afetos "pós-factuais". A partir desse princípio, administradores de páginas e canais extremistas estruturam seus espaços digitais como ecossistemas de boatos, rumores e interpretações enviesadas, moldadas para reforçar suas agendas ideológicas e enquadramentos políticos.

No contexto de intensificação das formas digitais de radicalização política, marcado pela consolidação de comunidades virtuais, pela criação de linguagens próprias, pelo uso articulado de ferramentas tecnológicas e pela circulação estratégica de conteúdos multimodais, é possível identificar o que Jessie Daniels (2009) denomina "ciberracismo". Ao analisar o caso norte-americano, a autora argumenta que a expansão recente de uma direita alternativa de matriz supremacista resulta da convergência entre uma longa tradição política marcada pelo racismo e pela xenofobia e um ambiente midiático estruturado por algoritmos. Nessa perspectiva, as plataformas digitais reconfiguram a produção, a circulação e o impacto dos discursos racistas, ampliando sua capacidade de mobilização política. O racismo online é, dessa forma, um efeito estrutural do funcionamento das redes e de suas lógicas de visibilidade e engajamento, e não como uma distorção acidental dos sistemas informacionais.

As dinâmicas discursivas, estéticas e propagandísticas da extrema-direita digitalizada ultrapassam os contextos do Norte Global, ainda que muitos estudos empíricos se concentrem nesses países. Observa-se a difusão transnacional desses repertórios de radicalização, que passam

a estruturar partidos, organizações, redes e lideranças em diferentes regiões, articulando de modo crescente a ação online e a intervenção política offline. Embora as expressões ideológicas variem conforme os contextos nacionais, consolidou-se uma tendência à padronização dos modos de radicalização, perceptível nas linguagens políticas, nas formas estéticas e nas estratégias de agitação e mobilização da extrema-direita contemporânea.

No plano organizativo e nos modos de articulação política, a incorporação da infraestrutura digital constitui uma das principais inovações das direitas radicais contemporâneas. Diversos autores recorrem a categorias como "fascismo digital" ou "ciberfascismo"[14] para caracterizar esse padrão de mobilização da extrema-direita nas redes, no qual os processos de radicalização ideológica se desenvolvem segundo a lógica própria das plataformas, produzindo formas renovadas de organização e de ação política.

Em contraste com o fascismo histórico, estruturado em partidos-milícia fortemente hierarquizados, ancorados em lideranças carismáticas e em modalidades clássicas de mobilização de massas, os agrupamentos extremistas que se consolidam no ambiente digital operam por meio de arquiteturas descentralizadas, cadeias de comando frágeis e mecanismos difusos de recrutamento e engajamento mediados por redes sociais, fóruns e sites. Nesse ecossistema, as fronteiras entre militantes, lideranças e públicos tornam-se porosas, enquanto formas de liderança virtual emergem de maneira indireta, informal e pouco verticalizada, frequentemente associadas a influenciadores digitais. Em vez de massas organizadas, esses coletivos tendem a funcionar segundo uma lógica de "enxames digitais"[15], marcada pela dispersão, pela fluidez e pela ambivalência política (Fielitz; Marcks, 2019, p. 15).

[14] Ver Griffin, 2018; Fielitz; Marcks, 2019; Fuchs, 2022.

[15] A noção de "enxame digital" mobilizada por Fielitz e Marcks também dialoga com a formulação de Byung-Chul Han (2018), segundo a qual as formas de agregação no ambiente virtual diferem das massas clássicas dos séculos XIX e XX. No espaço digital, os coletivos tendem a assumir configurações fluidas e instáveis, marcadas por rápida formação e dispersão, nas quais a ação política resulta menos da homogeneização e mais da intensificação da atuação individualizada dos usuários conectados virtualmente

O espaço digital não funciona apenas como um terreno de difusão ideológica do extremismo, mas também como um dispositivo central de articulação organizativa e de recrutamento político (Ebner, 2019). As comunidades extremistas formadas nas redes tendem a assumir configurações transnacionais, estruturadas para operar para além de fronteiras estatais e de controles territoriais tradicionais (Froio; Ganesh, 2019). À medida que esses agrupamentos se radicalizam, entram frequentemente em tensão com as normas das plataformas mais difundidas, o que os leva a migrar para ambientes digitais menos regulados, como Telegram ou Gab, que passam a funcionar simultaneamente como espaços de aliciamento de novos participantes e de intensificação de repertórios discursivos, estéticos e propagandísticos (Donovan; Lewis; Friedberg, 2019). É nesse contexto que se explicita a formação de ecossistemas digitais segmentados, nos quais comunidades ideologicamente homogêneas se consolidam em circuitos relativamente fechados.

Neste contexto de difusão dos modos de radicalização ideológica e extremismo político na era da digitalização do mundo, a interpretação proposta por Della Torre (2025b) permite compreender o ciberfascismo como um produto da convergência entre a indústria cultural digital, sustentada pelo modelo de negócios das *Big Techs*, e as crises contemporâneas da democracia liberal. Esse arranjo tecno-político dá origem a formas de subjetivação, visões de mundo e práticas políticas extremistas moldadas pela lógica algorítmica e pela sociabilidade mediada por plataformas, configurando aquilo que a autora denomina "neofascismo de plataforma".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do artigo, argumentou-se que a radicalização política observada nas redes digitais está associada à convergência entre globalização neoliberal, aceleração tecnológica e digitalização da vida social. As plataformas digitais foram tratadas como infraestruturas centrais desse processo, na medida em que organizam a circulação de informações, afetam dinâmicas de engajamento e influenciam formas contemporâneas de ação coletiva, criando condições favoráveis à difusão de discursos autoritários.

Nesse contexto, a noção de "fascismo digital" ou até mesmo de "ciberfascismo", tal como empregadas na literatura recente, referem-se a transformações nas formas de mobilização da extrema-direita no ambiente digital. A partir da revisão da literatura, o artigo procurou sistematizar esse fenômeno por meio de três mecanismos articulados: a captura da atenção por sistemas algorítmicos; as transformações da linguagem política dos extremismos em ambientes online; e a formação de ecossistemas digitais segmentados. Considerados em conjunto, esses mecanismos permitem compreender como as infraestruturas digitais participam da difusão e da radicalização contemporânea da extrema-direita, oferecendo um enquadramento analítico para a compreensão das dinâmicas associadas ao chamado fascismo digital.

O enquadramento analítico proposto oferece ganhos que importa explicitar. Ao articular os três mecanismos identificados, ele permite compreender a radicalização digital como um fenômeno multiescalar (isto é, situado na intersecção entre infraestruturas técnicas, lógicas econômicas e práticas políticas), o que o distingue tanto de abordagens ideológicas que tratam o extremismo como fenômeno autônomo em relação às plataformas digitais quanto de enfoques regulatórios liberais que concentram sua atenção nos conteúdos sem interrogar os incentivos inscritos nas próprias arquiteturas de plataforma que os produzem e amplificam (por exemplo, perspectivas que concebem as plataformas digitais como infraestruturas neutras).

Esse enquadramento aponta, por sua vez, para ao menos três frentes de investigação: estudos empíricos comparados que examinem a operação desses mecanismos em contextos do Sul Global, frequentemente subsumidos sob generalizações construídas a partir dos casos norte-americano e europeu; pesquisas sobre a circulação transnacional dos repertórios discursivos e organizacionais do fascismo digital em diferentes ambientes políticos nacionais; e, diante da emergência da inteligência artificial generativa, análise de como os mecanismos aqui sistematizados tendem a adquirir formas inéditas com efeitos ainda pouco mapeados sobre os processos de radicalização política.

Por fim, os argumentos apresentados indicam limites evidentes de estratégias focadas exclusivamente na responsabilização individual ou na remoção pontual de conteúdos. A persistência e a difusão de extremismos políticos nas redes estão relacionadas à configuração das infraestruturas digitais e aos incentivos que as atravessam, o que coloca desafios mais amplos e transversais para a compreensão da política contemporânea e de suas formas de regulação.

REFERÊNCIAS

ALLARDYCE, Gilbert. What Fascism Is Not: Thoughts on the Deflation of a Concept. **The American Historical Review**, v. 84, n. 2, p. 367–388, 1979.

AL-RAWI, Ahmed. Telegramming hate: Far-right themes on dark social media. **Canadian Journal of Communication**, v. 46, n. 4, p. 821-851, 2021.

ASKANIUS, Tina. "I just want to be the friendly face of national socialism": The turn to civility in the cultural expressions of neo-Nazism in Sweden. **Nordicom Review**, v. 42, 2021a.

ASKANIUS, Tina. On frogs, monkeys, and execution memes: Exploring the humor-hate nexus at the intersection of neo-Nazi and alt-right movements in Sweden. **Television & new media**, v. 22, n. 2, p. 147-165, 2021b.

ASKANIUS, Tina; KELLER, Nadine. Murder fantasies in memes: fascist aesthetics of death threats and the banalization of white supremacist violence. **Info., Comm. & Soc**., 24(16):2522–2539, 2021.

BERG, Lynn. Between anti-feminism and ethnicized sexism: Far-right gender politics in Germany. In M. Fielitz& N. Thurston (Eds.), **Post-digital cultures of the far right:** Online actions and offline consequences in Europe and the US. Bielefeld: Transcript Verlag, 2019, p. 79–91.

BORGERTS, Lisa; FIELITZ, Maik. "Do you want meme war?" Understanding the visual memes of the German far right. In M. Fielitz & N. Thurston (Eds.), **Post-digital cultures of the far right:** Online actions and offline consequences in Europe and the US. Bielefeld: Transcript Verlag, 2019, p. 137–153.

BROWN, Wendy. **Undoing the demos**: neoliberalism's stealth revolution. New York: Zone Books, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. (orgs.) **A sociedade em rede**: do conhecimento à acção política. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 2005.

CASTRO NETO, Jonas Ferreira de. **Memórias contemporâneas do passado fascista**: um estudo comparativo das manifestações estéticas e discursivas de movimentos neofascistas no ambiente digital. 2026. 333 p. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2026. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/42330. Acesso em: 24 jun. 2026.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & sociedade**, v. 1, n. 1, p. 91-120, 2020.

CONFESSORE, Nicholas. Cambridge Analytica and Facebook: The Scandal and the Fallout So Far. **The New York Times**, 4 de abril de 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/04/04/us/politics/cambridge-analytica-scandal-fallout.html. Acesso em: 28 de janeiro de 2026.

DANIELS, Jessie. **Cyber Racism**: White Supremacy Online and the New Attack on Civil Rights. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2009.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **La nouvelle raison du monde**. Essai sur la société néolibérale. Paris: Découverte, 2010.

DARMSTADT, Alina; PRINZ, Mick; SAAL, Oliver. The murder of Keira: Misinformation and hate speech as far-right online strategies. In M. Fielitz (Ed.), **Post-Digital Cultures of the Far Right**. Bielefeld: Transcript Verlag, 2019, p. 155–167.

DECOOK, Julia R. Memes and symbolic violence:# proudboys and the use of memes for propaganda and the construction of collective identity. **Learning, media and technology**, v. 43, n. 4, p. 485-504, 2018.

DEL PINO DÍAZ, David. Javier Milei and managerial populism in Argentina: "The successful entrepreneur as a social benefactor". **Revista de Comunicación de la SEECI**, v. 57, p. 1-21, 2024.

DELLA TORRE, Bruna. Redes sociais e neofascismo de plataforma: crise democrática e indústria cultural digital. **Blog da Boitempo.** 29 abr. 2025a. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2025/04/29/redes-sociais-e-neofascismo-de-plataforma-crise-democratica-e-industria-cultural-digital/. Acesso em: 28 de janeiro de 2026.

DELLA TORRE, Bruna. Do partido às plataformas: notas para uma teoria do neofascismo contemporâneo. **Blog da Boitempo.** 02 dez. 2025b. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2025/12/02/do-partido-as-plataformas-notas-para-uma-teoria-do-neofascismo-contemporaneo/. Acesso em: 28 de janeiro de 2026.

DONOVAN, Joan; LEWIS, Becca; FRIEDBERG, Brian. Parallel ports: sociotechnical change from the AltRight to Alt-Tech. In: FIELITZ, Maik and THURSTON, Nick (eds) **Post-Digital Cultures of the Far Right:** Online Actions and Offline Consequences in Europe and the US. Bielefeld: Transcript Verlag, 2019, p. 49–66.

EBNER, Julia. Counter-Creativity Innovative Ways to Counter Far-Right Communication Tactics. In: **Post-Digital Cultures of the Far Right**. Online Actions and Offline Consequences in Europe and the US, edited by Maik Fielitz and Nick Thurston, 169–82. Bielefeld: Transcript Verlag, 2019. doi:10.14361/9783839446706-004.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos.** São Paulo: Vestígio, 2019.

FIELITZ, Maik; MARCKS, Holger. Digital fascism. Challenges for the open society in times of social media. **CRWS Working Papers**, 2019, p. 1–25.

FIELITZ, Maik; THURSTON, Nick. (eds) **Post-Digital Cultures of the Far Right:** Online Actions and Offline Consequences in Europe and the US. Bielefeld: Transcript Verlag, 2019.

FROIO, Caterina; GANESH, Bharat. The far right across borders. Networks and issues of (trans)national cooperation in Western Europe on Twitter. In: Fielitz Maik and Thurston Nick (eds). **Post-Digital Cultures of the Far Right:** Online Actions and Offline Consequences in Europe and the US. Bielefeld: Transcript-Verlag, p. 94–105, 2019.

FUCHS, Christian. **Digital fascism: internet, social media, and the far right.** London: Routledge, 2022.

GALLINO, Luciano. **Globalizzazione e disuguaglianze.** Bari: Laterza, 2000.

GALUP, Luciano. **Big Data & Política**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones B, 2019.

GREENE, Viveca S. "Deplorable" satire: Alt-right memes, white genocide tweets, and redpilling normies. **Studies in American Humor**, v. 5, n. 1, p. 31-69, 2019.

GRIFFIN, Roger. What fascism is not and is: thoughts on the re-inflation of a concept. **Fascism**, v. 2, n. 2, p. 259–261, 2013.

GRIFFIN, Roger. **Fascism**. Massachusetts: Polity Press, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Vozes. E-book, 2018.

HAWLEY, Josh. **The Tyranny of Big Tech**. Chicago: Regnery Publishing, 2021.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos:** o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KØLVRAA, Christoffer. Embodying 'the Nordic race': Imaginaries of Viking heritage in the online communications of the Nordic Resistance Movement. **Patterns of Prejudice**, v. 53, n. 3, p. 270-284, 2019.

LAHUERTA, MIlton. Educação e política no contexto da crise contemporânea: formação para a vida civil e o lugar público da escola. In: BOTO, Carlota; SANTOS, Vinício de Macedo; SILVA, Vivian Batista da; OLIVEIRA, Zaqueu Vieira Oliveira (orgs). *A escola pública em crise*: inflexões, apagamentos e desafios. São Paulo: FEUSP, 2020.

MAY, Rob; FELDMAN, Matthew. Understanding Alt-Right. Ideologues, 'Lulz' and Hiding in Plain Sight. In: FIELITZ, Maik and THURSTON, Nick. (eds) **Post-Digital Cultures of the Far Right:** Online Actions and Offline Consequences in Europe and the US. Bielefeld: Transcript Verlag, 2019, p. 25-36.

MILLER-IDRISS, Cynthia. **Hate in the Homeland.** Princeton, NJ: Princeton University Press, 2022.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech:** a ascensão dos dados e a morte da política. Traduzido por Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

PANARARI, Massimiliano. Il Leviatano digitale e il neototalitarismo soft. **Rivista di Digital Politics**, v. 1, n. 2, p. 397-412, 2021.

PELLEY, Scott. Whistleblower: Facebook is misleading the public on progress against hate speech, violence, misinformation. **CBS NEWS**. 4 de outubro de 2021. Disponível em: https://www.cbsnews.com/news/facebook-whistleblower-frances-haugen-misinformationpublic-60-minutes-2021-10-03/.w Acesso em: 28 de janeiro de 2026.

ROSA, Hartmut. Escalation: the crisis of dynamic stabilisation and the prospect of resonance. In: DÖRRE, K.; LESSENICH, S.; ROSA, H. **Sociology, capitalism, critique**. London, New York: Verso, 2015.

ROSA, Hartmut. Available, accessible, attainable: the mindset of growth and the resonance conception of the good life. In: H. ROSA, & C. HENNING (Eds.). **The good life beyond growth**. New perspectives (p.39–53). London, England: Routledge, 2018.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na modernidade. Editora UNESP, 2019a.

ROSA, Hartmut. **Resonance**: a sociology of our relationship to the world. Cambridge: Polity Press, 2019b.

ROSA, Hartmut. **The uncontrollability of the world**. Cambridge: Polity Press, 2020.

SASSEN, Saskia. **Expulsões**: brutalidade e complexidade na economia global. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2015.

SRNICEK, Nick. **Platform Capitalism**. Cambridge, UK; Malden, USA: Polity Press, 2017.

STREECK, Wolfgang. **Tempo Comprado**. A Crise Adiada do Capitalismo Democrático. São Paulo: Boitempo, 2018.

TUTERS, Marc. LARPing and liberal tears: Irony, belief and idiocy in the deep vernacular web. In Maik. Fielitz & Nick. Thurston (Eds.), **Post-digital cultures of the far right** Bielefeld: Transcript Verlag, p. 37-48, 2019.

WAJCMAN, Judy. Fitter, happier, more productive: optimising time with technology. In **Lost in perfection:** impacts of optimisation on culture and psyche. Org: Vera King; Benigna Gerisch; Hartmut Rosa. New York: Routledge, 2019.

ZOLO, Danilo. **Globalizzazione**. Una mappa dei problemi. Bari: Laterza, 2004.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA: Conceitualização, análise formal, investigação, metodologia, escrita - rascunho original, escrita - revisão e edição (CASTRO NETO, J. F.).Conceitualização, metodologia, escrita - revisão e edição (DEFINA, G.).

USO DE IA: Declaramos que utilizamos ferramentas de IA exclusivamente para a correção ortográfica e melhoria da coesão e coerência do texto já escrito por nós. Nenhum conteúdo ou "dado inédito" foi gerado por IA generativa.

DISPONIBILIDADE DE DADOS: Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Texto recebido em 23/05/2019 e aprovado em 08/09/2019.